64.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 11 DE MAIO DE 1926 — N.º 1562

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 470
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

A PROPOSITO do eco que ontem publicámos, na primeira pagina, referente ás perturbações que o sol está causando na saude dos mortais, recebemos a seguinte carta:

Sr. director:

Ha bastante tempo que eu andava desconfiado com o sol a quem atribuia, sem saber bem porquê, muitas das desordens da nossa terra—no seio das familias e no seio dos partidos.

Quando eu era rapaz, a lua, com o seu aspecto de gandaieira nocturna, não gosava de boa fama.

Actualmente os seus creditos sobem e baixam os de Febo, seu irmão.

Reparou já V. nos desconcertos que se produzem, entre nós, em determinados dias, principalmente quando o ceu se escurece com pesados nimbos?

Em minha casa, quem governa não sou eu nem minha mulher—confesso-o para vergonha nossa. Os nervos é que mandam e estes obedecem a influencias astronomicas.

Os espiritistas afirmam que, por intermedio do eter, Deus estende até nós os seus fluidos vitais. Nisto não acredito, pois que, se assim fosse, os ateus não poderiam viver. Deus só comunica com os crentes—os beneficiados da sua graça.

Os outros sofrem as consequencias, nem sempre beneficas, do sistema planetario.

As revoluções que se dão no sol liquidam-se na terra em murros domesticos, adulterios, divorcios e bravatas parlamentares ou politicas. A ditadura do sr. Antonio Maria da Silva como a enxaqueca da minha sogra provêm da mesma origem—as manchas solares. Creio que fazem parte dos fatalismos a que está sugeito o país e este seu criado.

Como o sr. Melo Simas parece estar decidido a esclarecer o problema das nossas amarguras, marcando-lhe as fundas ligações cosmicas, eu faço votos para que o ilustre homem de sciencia nos forneça os elementos de que carecemos para estudarmos o palacio de S. Bento como um dos componentes do Zodiaco—talvez integrado no signo de Cancer, que, se não me engano, se pode traduzir por *caranguejo*.

Muito grato pela publicação desta

Abel Astrologico.

* * *

O VIOLONCELO que pertenceu ao «virtuose» André Hekking foi vendido em leilão por 231.000 francos. Era um Domenico Montagnana, que foi discipulo do grande Stradivarius, e foi fabricado em Venesa, em 1721. Este precioso violoncelo tem a forma dos instrumentos do mestre e o seu notavel verniz cor de cereja. O arco que pertencia a Hekking foi tambem vendido por cerca de 10.000 francos.

Não exagerámos, portanto, quando atribuimos, ha dias um, valor aproximado de 400 contos ao famoso «Stradivarius» de D. Luís, que continua fechado a sete chaves, na caixa forte do Palacio das Necessidades. Como dissemos, o verniz começa já a ter manchas de bolor e se o não tirarem dali acabará por se perder irremediavelmente.

* * *

UM grupo de artistas—dos mais novos e talentosos—vai dirigir-se aos srs. ministros do Interior e dos Estrangeiros, a fim de que estes modifiquem rapidamente o regime dos passaportes, visto não poderem arcar com as despesas a que actualmente são obrigados, querendo ir ao estrangeiro apreciar os progressos das artes.

* * *

NO dia 15 deste mês, pelas 15 horas, inaugura-se no Salão da Sociedade Nacional das Belas Artes, a Exposição de Rosas, promovida por Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

A reconstrução da nossa Marinha de Guerra

Deu nos o *Diario de Lisboa* a honra de publicar algumas palavras nossas, ainda ocupava a Presidencia da Republica o dr. Antonio José de Almeida e estava já prestes a partir de Inglaterra, para lhe suceder, o sr. Teixeira Gomes.

E dissémo-las gostosamente porque, como marinheiros, não podia deixar de nos sensibilisar uma manifestação de gentileza, feita através o mar, como aquela que praticou com Portugal a nossa aliada, fazendo conduzir a Lisboa, em um dos seus cruzadores, o novo Chefe do Estado.

Mas de melhor vontade ainda as dissémos, porque a realização dessa alta homenagem nos dava ocasião para traçar um quadro do que era—e é ainda, infelizmente—a nossa Marinha de Guerra.

E esse quadro saltaria aos olhos, por contraste flagrante, quando os fumos das salvas da ordenança, no solene momento do desembarque de S. Ex.ª em Lisboa, atraissem a atenção de todos e desenhassem as *silhouettes* dos navios de que partiram essas honras, navios que foram, além dos nossos, o cruzador inglês «Carysfort» e o cruzador espanhol «Victoria Eugenia».

Uma *simples* dedução de datas nos indica que este acontecimento se não passou ontem, ha uma semana, o mês passado,—se bem que seja ainda dos nossos dias,—mas como possa causar incredulidade que tanto tempo seja necessario para resolver problema de tal importancia em qualquer País, como é o que representa a sua Defeza Nacional, diremos que a data desse numero do *Diario de Lisboa* é a de 28 de Setembro de 1923.

E é já de 31 o numero de mêses que decorreram a partir dessa data!

Mais de *31* mesmo, já *a rebentar*, portanto, na justa e bem conhecida fraze popular.

E o caso não é para menos.

Sob a gerencia de um ministro, que já tomou posse do cargo depois dessa data, ministro cheio de vontade e de dedicação pela Marinha, fez-se o periplo de Africa, um periodo de manobras, está a acabar o percurso da Africa Ocidental, quasi a começar novo periodo de manobras, uma proposta de aquisição de novos navios é apresentada por S. Ex.ª no Parlamento, dela fazendo *rèprise* no periodo legislativo seguinte, que é o actual, o mesmo «Carysfort», desta vez fazendo parte de uma Divisão de Cruzadores, volta a Lisboa, e nela embarca o ministro, dando á nossa, a Marinha Inglesa, uma prova de consideração e grande cortesia, que ela tem de reservar-se agradecer mais tarde, *quando tiver navios*... E quando qualquer espirito, muito menos sugestionavel do que o nosso, se teria ha muito persuadido de que ha actos na vida dos povos que não podem adiar-se indefinidamente, o nosso adquire, quando muito, embora com esforço, essa persuasão, e nela comodamente se suspende!

* * *

Ha, sem duvida, coisas nas marinhas das grandes potencias que nós não podemos, nem temos que imitar.

Mas ha outras, aplicações de principios, que são tanto de realizar nas grandes como nas modestas marinhas, porque umas e outras são iguais sob determinados pontos de vista.

Elas são iguais quando as consideramos proporcionadas ás necessidades proprias, que a politica naval de cada país estabelece, iguais considerando-as como organismos que precisam de eficiencia e de equilibrio para viver, e para valer.

A falta de uma perna, de um braço, ainda está por provar que faça menos transtorno a um homem pequeno do que a um grande.

E a velhice sem descendencia nunca deixou de ter, por consequencia, que os bens de um homem, por mais avultados que sejam, passem para a familia de outros, que souberam assegurar-se a soberania do que lhes pertence.

E, assim, arriscar-nos-iamos a vêr o Estado, obsecado por um receio igual ao do homem que evita ter filhos, para não sobrecarregar as suas despesas, deixar de substituir os navios de guerra que a idade tornou inuteis, podendo obter com essa curiosa politica de economias o abalo do patrimonio nacional, que uma celebre concepção de mandatos começa já a ameaçar de longe.

O principio de que na Lista dos Navios de Guerra, em tempo de paz, não deve ser incluido nenhum navio que não possa ser usado em tempo de guerra, por falta de valor militar, é tanto de aplicar-se em uma Marinha maior, como em uma Marinha menor.

Não aplicá-lo, não tem perdão.

O que não quere dizer que não seja forçoso fazê-lo, quando ha um compasso de espera, intespestivamente marcado.

Mas se o ha, ele é, como se disse, intempestivo e lamentavel, portanto.

Bernotti diz: «A guerra não é senão a continuação da politica; ela constitue a passagem da pressão silenciosa ao exercicio da força dimanica».

Mas, se se persiste naquele compasso de espera, o exercicio da força dinamica, que não se improvisa, nunca será possivel no momento proprio, por falta da *pressão silenciosa* em tempo de paz.

Quer esta seja *silenciosa*, na verdade, por falta de existencia, quer coberta a sua falta por um ruido enganador, o que mais desastroso será ainda, por mais dificil então se tornar o diagnostico do mal.

Não malbaratemos as qualidades preciosas dos nossos oficiais e marinheiros, que são ainda hoje, como todos os dias os factos o estão demonstrando, as mesmas daqueles a que se deve a edificação do nosso imperio colonial!

E malbarata-las é dificultar o patriotico esforço do pessoal, amarrando-o á invalidez do material de que dispõe.

J. de Almeida Henriques

capitão de fragata

O CONSELHO central da C. G. T. esteve reunido até de madrugada, a fim de apreciar a greve geral inglesa, tendo falado varios oradores sobre o assunto.

Foi resolvido prestar toda a solidariedade aos grevistas ingleses, de harmonia com o que estatue o sindicalismo.

Foi aprovada tambem uma saudação aos operarios que se encontram em greve, resolvendo a C. G. T. evitar por todos os meios que os navios ingleses se abasteçam de carvão em portos portugueses. Aquele organismo procurará impedir tambem, por intermedio dos seus filiados, que os navios ingleses carreguem ou descarreguem nos nossos portos.

O conselho confederal deu instruções nesse sentido á Federação dos Transportes do Trafego Maritimo, recomendando-lhe toda a atenção para este caso.

Foi enviada uma copia das resoluções tomadas ao conselho geral das «Trade-Unions».

Houve quem pensasse em propôr que os operarios portugueses se comprometessem a tomar conta dos filhos dos grevistas ingleses, mas esta proposta não chegou a ser discutida, atendendo á situação desafogada em que se encontram os operarios em greve.

Como existem dissidencias entre a classe maritima e a C. G. T., não se sabe ainda se a Federação dos Transportes aceitará de bom grado as resoluções tomadas.

Vai ser apreciada pela C. G. T. a adesão dos manipuladores de tabacos áquele organismo, devendo estabelecer-se brevemente as bases em que essa adesão deve ser feita.

* * *

OS representantes dos agrupamentos franceses em Lisboa, a Camara de Comercio Francesa, a Sociedade da Escola Francesa, a Sociedade Francesa de Beneficencia, a União dos Antigos Combatentes Franceses, a Associação das Mestras e Governantes Francesas e a secção de Lisboa dos «Prevoyants de l'Avenir», reuniram-se na Legação de França, para combinar a maneira da colonia francesa residente em Portugal tomar parte na «Contribuição Voluntaria» instituida por uma lei recente, tendo em vista o saneamento do franco.

Foi resolvido que a todos os franceses residentes em Portugal se enviasse uma circular reproduzindo o apêlo do Marechal Joffre e avisando-os de que as subscrições voluntarias se recebem desde já em todas as agencias e sub-agencias do Credit Franco-Portugais.

Entre os subscritores da «Contribuição Voluntaria» figura a Agencia Havas, que contribuiu com a importancia de 100.000 francos.

* * *

NO proximo sabado, ás 21 horas e meia, na Liga Naval Portuguesa, realisará a sr.ª D. Adelaide Lima Cruz, um concerto, que promete ser um acontecimento artistico.

O programa abrange composições dos seguintes mestres: Mozart, Campra, Pezzetti, Debussy, Joaquim Neri, Balakirew, Rimskiny-Korsakoff e Borodine.

Será acompanhada ao piano pela sr.ª D. Irene Gomes Teixeira. As discipulas da sr.ª D. Adelaide Lima Cruz cantarão os coros do principe Igor.

* * *

UM quadro celebre de Manet, intitulado *Polichinelle*, foi vendido ha dias, num leilão, por 420.000 francos. O genio tem destas surpresas—faz se pagar caro, quando os imbecis o não podem despresar nem insultar.

Tauromaquia

A garraiada medicinal

A garraiada medicinal, ou seja a corrida que os estudantes de medicina realisam anualmente, terá logar na Praça de Algés, quinta-feira da Espiga, que pode muito bem ser uma «espiga» para os lidadores. Estes, que já andam numa lide preparando a indumentaria, são por especialidades, os seguintes futuros clinicos:

Cavaleiros — Cambournac e Damas Móra.

Espadas — D. Fernando de Almeida, Adelino Gambôa, Salazar de Sousa e Silva Araujo.

Bandarilheiros — João Marchante, Alvaro Seabra, Batista de Sousa, Ayalla Botto, Domingos Pimenta, Carvalho dos Santos, Martinho Durão, Malheiro Dias, Trigo de Sousa, Sobral Blanco e Guimarães Nobre.

Picadores — Diogo Furtado, Amandio Falcão, Feliciano Newton e Luis Colaço.

Forcados — Fortunato Levy (cabo), Sousa Nazareth, Silveira Ramos, Alberto Bettencourt, Malfeito Monteiro, Ferreira d'Almeida e Salazar de Sousa.

Campinos — Fernando Magalhães, Salazar Leite, Matos Pacheco e Simões Carrêlo.

Monos sabios — Antonio Alves, Anselmo da Cruz, Soveral Rodrigues e Belo de Morais.

D. Tancredo — Hildo Monteiro, Guimarães de Oliveira e Marques da Costa.

Homem mitho — Mario Stromp e Oliveira Machado.

Volteio numa vara — Fernando Faria.

Troupe de Chariot — Egidio Chaves, Mario Stromp e Alvaro Seabra.

Amanhã, ás 16 horas, chegam os «espadas» á estação do Rocio, sendo-lhes feita uma grande manifestação «com intervenção cirurgica de foguetes e anestesia musical».

AS MARAVILHAS da photographia

Como todas as artes, a photographia aperfeiçoa-se dia a dia, criando-se novos estilos que são verdadeiras maravilhas. E Portugal — que em tantos outros ramos está atrazado alguns anos em relação aos paizes mais civilisados — acompanha, nesta arte, todos os progressos e todas as novidades.

Isto, graças á acção dos srs. J. & M. Lazarus, da Photographia Inglesa, da rua Ivens, 59, que ainda agora acabam de introduzir em Portugal o grande estilo deste ano nas melhores casas inglesas: o *Photo-Etching* (retratos representando agua-forte), de que teem, em exposição permanente, admiraveis exemplares.

Declaração

Capital Rapido

O proprietario do Capital Rapido declara aos seus clientes que não concorda com a resolução tomada pelo sr. governador civil, que ilegitimamente mandou apreender todos os documentos respeitantes ao seu negocio, e agradece a forma como se têm portado e continua com o seu escritorio aberto na rua de S. Paulo, n.º 118, 3.º, para qualquer esclarecimento que os mesmos desejam.

Lisboa, 12 de Maio de 1926.

A. Fialho

TEATRO SÃO LUIZ

Hoje

Festa artistica

DE

AUZENDA DE OLIVEIRA

A comédia opereta, em 4 actos, de Meilhac e Milaud, versão de Gervasio Lobato e Urbano de Castro, musica de Hervé

Mam'zelle Nitonche

fazendo pela 1.ª vez a protagonista

Auzenda d'Oliveira

e Vasco Sant'Ana o Floridor

sendo os restantes papeis desempenhados por Sofia Santos, Maria Alvarez, Judith Marques, Ema d'Oliveira, Carlos Viana, Fernando Pereira, José Victor, Sebastião Ribeiro, Raul Pancada, Fernando Rodrigues e Antonio Paiva.

Quinta-feira, 13: Recita do actor FERNANDO PEREIRA.

CARTAZ

TEATROS

S. Luiz=A's 21,15=«Mam'zelle Nitouche».
Trindade=21,15=«O Homem das Cinco Horas».—Orquestra Sul-Americana.
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Politeama=Espectaculos de «Musich hall.»
Gymnasio=A's 21,30=«O Az».
Apolo=A's 21,45—«Os Milhões do Criminoso».
Maria Victoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Salão Foz=A's 21,45=Variedades
Joaquim d'Almeida=A's 8,45 e 10,45=«Fox-Trot».
Coliseu dos Recreios=A's 21,30=Sessão internacional de luta.

A MUSICA

A audição

dos alunos

da professora Lucilia Moreira

Tendo assistido a esta audição, ficamos maravilhados ao verificar os belos resultados que o esforço e trabalho da inteligente professora têm obtido, em transmitir e reflectir o seu saber no espirito dos seus discipulos.

Os que ensinam com consciencia são sempre uns benemeritos—O sêr-se professor é uma missão espinhosa e superior—E' gastar fosforo e extenuar-se a bem do proximo.

E é por isso, que com a maxima sinceridade prestamos aqui homenagem a D. Lucilia Moreira e aos seus alunos desde o mais pequeno (8 anos ao mais velho 14).

O programa, constou de trechos de Beethoven, Shumann, Heller, Bach, Kulhau, Hoedick, Paradies, Cesar Franck, Rey Colaço e de Chopin.

Eis os nomes dos executantes do programa: Maria Helena Vasconcelos, Maria Emilia Carvalho Dias, Meriam Sequerra, M. Inacia Carneiro Silva, Claudio Gaertner, Margarida Saldanha Carreira, Judite Santos, M. Dulce Rego Botelho, Maria Helena Peixoto, Maria Victorina Martins, Maria Adelaide Sobral, M. Luiza Marques Gouveia, Julia Gramunha Feijó, Maria Clementina Ribeiro, Maria Capucho, Maria Carmo Carneiro Silva, Maria Manuela Vasques, Maria Fernanda Saldanha Carreira, Maria Isabel Espinosa Pinheiro, Marina Sá Brandão.

Seria para nós um prazer, fazer uma referencia especial a cada aluna de D. Lucilia Moreira, mas seria longo demais; limitar-nos hemos a mencionar as que executaram varios numeros que foram: Helena Peixoto, que tocou, com correcção: «Barcarola», «E'tude» e «Curieuse histoire», de Heller; M. Luiza Marques Gouveia, que muito agradou na «Polonoise», de Bach, no «Estudo em sol», de Heller, e «Petit pièce», de Goedicke, Maria Capucho, de 13 anos, que pelo seu amôr ao estudo sempre se tem distinguido nestas audições, que tocou com acerto—«Invenção a duas vozes», de Bach, «Senas da floresta», de Schumann, e «Entrée», «Le chasseur à l'affût» e «Amolador», de Rey Colaço. Maria Fernanda Saldanha Carreira, que entusiasmou o auditorio pela maneira correcta como interpretou—Chopin, nos «Preludios», «Valsa em dó sustenido menor e «Ecossaises».

Como extra programa, para substituir a falta da aluna Maria Manuela Gramunha Vasques, o sobrinho e antigo discipulo da ilustre professora, José Novais, executou de uma maneira brilhante e «Fantasia em dó», de Schubert e «Amor de Brujo», de Manuel Fala. A assistencia, que era numerosa, dispensou-lhe com justiça os mais calorosos aplausos, assim como a Lucilia Moreira, cujo valor mais uma vez patenteou.

Em resumo foi uma festa interessante e necessaria como estimulo.—O amor pela musica em Portugal tem-se desenvolvido prodigiosamente a uns 50 anos a esta parte, e bem hajam os que têm ajudado ao seu grande desenvolvimento.

Se o maestro Frondoni escriturado em 1839, pelo empresario Conde de Farrobo, para maestro compositor e ensaiador do teatro de S. Carlos, voltasse a este mundo; ele que pela primeira vez, fez cantar em português, ensinando Ana Pereira, Florinda, Queiroz e tantos outros que lhe deveram noites de gloria; ele, o primeiro que tentou em Portugal fazer ouvir córos orfeonicos, que foram cantados em S. Carlos, e que tanto se esforçou para desenvolver em Portugal o amor pela musica, no que era felecitado pelo o grande maestro Mercadanti, numa carta que possuimos, escrita em 1839, quando soube que Frondoni vinha para um pais, então inculto na musica, que satisfação não seria a do maestro Frondoni se pudesse verificar que Portugal está hoje a par dos mais paises, na bela arte de Enterpe!

Fróndóni Lacombe

Liga Naval

Julio Pietra Torres, pianista da nova geração, um dos melhores discipulos de Viana da Mota e Timoteo da Silveira, possuidor de uma tecnica completissima, deu um recital notavel pela importancia do programa e pela interpretação.

Executou a op. 33, de Beethoven, os «Fantasiestücke», completos de Schumam, a mazurka de Balakirew, um preludio de Rachmaninoff, o «Velho Castelo», de Muswigsky, o «Carrilhão», de Lispunoff e mais dois trechos em «bis».

Nenhum dos autores inscritos no programa se pode salientar quando á interpretação que lhes dá Pietra Torres. Em todos os generos de musica em que se nos apresentou, nos pareceu igualmente á vontade, servindo-se com acerto da sua excelente tecnica.

Luiz de Freitas Branco

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

A'manhã—A's 21,15 horas

1.ª representação da engraçada comédia

Papillon

«O bom rapaz»

Os preços não são aumentados,

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

HOJE—A's 9 3/4.

Ante-penultima de

OS MILHÕES DO CRIMINOSO

Nos principais papeis: Palmira Torres e Rafael Marques.

Sexta-feira: A GALDERIA

BOTAS OU UNS SAPATOS POR 5$00!!!

Doze pares de meias ou peugas de seda por 5$00!!!

Conseguem todos os que se inscreveram no nosso processo de vendas, sem passagem de senhas, ou incomodo algum. Reembolsamos todos os inscritos, quando não queiram esperar para receber a nossa oferta dentro de 30 dias!—Oferecemos-lhe uma magnifica ocasião de fazer uma compra por tão insignificante quantia, dispendendo unicamente os 5$00.—Pelo correio enviar 5$00 para cada uma das nossas ofertas, e mais $80 do correio.

Aproveitai a nossa oferta, e quanto mais cedo, melhor!

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL — RUA DA ERA, 17 — LISBOA

GARAGE MONUMENTAL (ao Rato)

(a maior do País)

RECOLHA DE AUTOMOVEIS A 60$00 MENSAES

Gazolina a 2$20 o litro

Excursão a Lourdes, Paris e Bruxellas

Visita a Versailles. Partida no dia 16 e regresso a 28 de maio, 2 dias em Lourdes, 5 em Paris e 2 em Bruxellas em comboio rapido 2.ª classe com todas as despezas pagas, hoteis, teatros, museus, etc.—Informações, programas e inscrição na **Alfaitaria Arcada de Londres**, Rua dos Fanqueiros, 302-304 e **Sapataria Gentil**, Calçada Marquês de Abrantes n.º 8.—LISBOA.—Preço 2.000$00.

SAPATARIA CONTENTE, LTD.ª

CALÇADOS CHICS

ULTIMOS MODELOS

Rua do Carmo, 74 Telf. 5359 N.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa de Azevedo, condessa da Lapa, D. Maria da Assunção de Mendóça de Melo Mendes da Silva, D. Alice Ferreira Braga Rebelo da Silva, D. Maria Carolina Perfeito de Magalhães Vilas Boas, D. Maria Delfina Gomes da Silva Matos, D. Mariana de Lima Santos Vidal e D. Idalina Lima.

E os srs.:

Visconde de Algés, D. Caetano Segismundo de Bragança. (Lafões), dr. Luis da Cunha Teles de Vasconcelos, Pedro Maria da Fonseca Araujo, Julio Tavares Nunes, Gonçalo Tenreiro Ilharco de Campos Viana e Antonio Carlos dos Reis e Silva.

A caridade

Baile de subscrição

E', finalmente, ámanhã que se realiza, nas magnificas salas do Club Inglês, á Rocha do Conde de Obidos, o grandioso baile de subscrição, organizado por uma comissão, composta das sr.as D. Angela Carvajal Teles da Sylva (Terouca), D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Isabel Ortigão Burnay Belo, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria Luisa Diogo Silva Teixeira, D. Regina Lafayette Carvalho e Silva, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos e D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, a favor de varias obras de beneficencia, o qual será abrilhantado pelas notaveis orquestras «Jazz-band» Sul-Americana, que tanto exito está alcançando, todas as noites, no Trindade, amavelmente autorizada, a tomar parte, pela empreza Erico Braga, e Rerartinez, que tocarão alternadamente, a fim de que a dança seja continua.

Os poucos bilhetes que restam, devem ser requisitados para casa da sr.a D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, rua de Santa Catarina, 12, telefone Trindade 545.

Por todos os motivos a noite de ámanhã no Club Inglez vai ser o ponto de reunião de toda a nossa melhor sociedade.

«Mam'zelle Nitouche»

E' ámanhã, sexta feira, que se realiza no camaroteiro do teatro de São Carlos, das 3 ás 7 da tarde, a entrega dos bilhetes marcados para a sensacional recita de caridade que uma comissão de senhoras, sob a presidencia da sr.a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, que se realizará ne sse teatro na noite de sabado proximo, naqual será representada por um brilhante grupo de amadores pertencentes á nossa primeira sociedade, o engraçado «vaudeville» «Mam'zelle Nitouche» quatro engraçados actos traduzidos pelo saudoso escritor teatral Gervazio Lobato, com musica do maestro Hervé, na qual os papeis femininos estão assim distribuidos: «Denise de Flavigny», D. Laura Reis Ferreira; «A Superiora», D. Maria Leopoldina de Araujo Perestrelo de Vasconcelos; «Corina», D. Natalia Cohen Zagury; «Rodeira», D. Maria Leonor Noronha Leote; «Sylvia», D. Maria Helena da Silva de Noronha (Vagos); «Georgina», D. Estela de Liz Teixeira Mendonça; «Lydia», D. Maria Antonia Ferreira; e os masculinos: «Floridor», e «Burromeu», Antonio Pais de Sande e Castro; «Major Marmelada», D. Ascenso de Siqueira (S. Martinho); «Fernando Champlatreuse», João Seabra Ferreira Roquete; «Lariot», Duarte Anjos Diniz; «O Director», Jayme Chaves de Carvalho, e «Contra-regra», D. Nuno de Siqueira (D. Martinho).

Na Liga Naval

Damos em seguida a nota das senhoras que formam a comissão organisadora do concerto de caridade que na tarde de domingo proximo se realisa no salão nobre da Liga Naval Portugueza, ao Calhariz, havendo tambem no intervalo do magnifico programa que está sendo elaborado com verdadeiro criterio artistico serviço de «chá»: D. Georgina Pinto Soares, D. Lavinia Alves Cardoso, D. Margarida Trigoso de Sousa e Vasconcelos, D. Maria Adelaide Araujo, D. Maria da Conceição Homem Machado de Sampaio e Melo, D. Maria das Dôres Sampaio da Cunha Pimentel, D. Maria Isabel Falcão Trigoso de Melo Guerreiro, D. Maria Justina Santos, D. Maria Magdalena de Moraes Amado e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha.

Os pedidos de bilhetes para esta encantadora festa devem ser requesitados para a sr.a D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, Telefone 62, Lumiar, ou para D. Maria da Conceição Homem Machado de Sampaio e Melo, Telefone norte 1611.

No Bombarral

Temo-nos referido já a duas partes do magnifico programa da sensacional recita de caridade que na noite de 27 do corrente se realisa no Teatro Eduardo Brazão, da vila de Bombarral, cujo produto se destina á benemerita instituição desta vila «Albergaria»: hoje vamos referir-nos a outra parte á representação da engraçada comedia em 1 acto «Sapatinho de baile», desempenhada pelas ilustres artistas D. Lucilia Simões e D. Amelia Pereira, que mais uma vez terão ocasião de conservar o publico em constante hilaridade.

Os bilhetes para esta recita continuam atingindo um alto preço, tendo os srs. Antonio Pereira Bernardino e Americo Monteiro dado pelos seus «fauteuils» a quantia de 1 conto de reis cada um.

Noites de arte

No Trindade

Abriu ontem no escritorio da empreza neste teatro, da 1 ás 3 da tarde, a assinatura para as sete recitas da magnifica companhia de declamação espanhola do actor Erneto Vilches, e primeiro artista generico da actualidade, o qual se fará acompanhar por sua esposa, a notavel actriz Irene Lopes Heredia, todas com peças diferentes, tendo os assinantes da companhia da Charlote Lysées, preferencia dos seus lugares até quarta-feira, 12.

Este actor, que é considerado o artista mais brilhante de toda a Espanha, tem sido em todas as terras que tem percorrido o preferido pela sociedade aristocratica dos varios paises, o que tudo nos leva a crêr que em Lisboa sucederá o mesmo.

Fumem os afamados cigarros

CAPSTAN (will's)

A melhor

photographia de Lisboa, tanto pela [illegible] talação, como pelos seus trabalhos é [illegible] testavelmente a

Photographia Bra[illegible]

R. Escola Politecnica, [illegible]

NOVIDADES LITERARIAS

«Adão e a sua costela»

E O TITULO DO NOVO LIVRO DE MERCEDES BLASCO

do qual se transcrevem os capitulos "Romance de artista,, e "O homem que trocou a mulher"

Mercedes Blasco

Mercedes Blasco, belo temperamento de artista e sensibilidade interessantissima das letras femininas, acaba de publicar um novo livro — «Adão e a sua costela». E' o undecimo de uma colecção de confissões e dissertações de amor, que se lê com agrado, impressionando e fazendo sorrir.

Mercedes Blasco é uma mulher que vive da sua dôr e da sua historia. Da dôr, que ela oculta, e da historia, que ela põe em literatura.

A sua arte de escrever, cheia de evocação, numa prosa simples, sem excentricidades nem rebuscos de fórma, é nesta mulher, verdadeiro temperamento de escritora orinalissima — absolutamente pessoal.

Do novo livro transcrevemos dois capitulos «Romance de artista» e «O homem que trocou a Mulher».

Mercedes Blasco nunca tinha amado. Na sua peregrinação pelos jardins encantados de Citera só os seus nervos e a sua carne conheceram o tumulto das vibrações loucas do prazer.

O seu coração conservava-se desdenhosamente alheio a todas essas batalhas dos sentidos, enjoada até das viterias faceis que eles ganham nas justas amorosas.

Um dia, porém, esbarrou no seu caminho com um homem que a principio a divertiu, porque parecia um produto exotico no meio da sem cerimonia e do atrevimento que caracterisam a época actual.

Era um rapaz acanhado, mal ousando fitar uns olho de mulher, como se receasse queimar neles os seus, tão meigos e tão assustados no seu reflexo azul.

Começou flirtando com ele, primeiro unicamente como passatempo de bordo, ela andava em *tournée* artistica pelo mundo, sem pensar que essa brincadeira pudesse ir mais longe.

Ele gostava de ouvi-la falar, naquela voz quente e sugestiva, que era um dos seus grandes feitiços.

Ficavam longas horas na coberta do navio pela noite fóra, sentados lado a lado, e ela ora lhe dizia versos, ora lhe contava peripecias da sua vida errante, sem que ele se afastasse daquela atitude reservada e timida, embora se sentisse perdido de desejos por ela.

E por isso a conquistou. Ela estava farta dos galanteadores de profissão, que imaginam que é só estender um pouco o braço para colher o fruto proibido. Quando o paquente chegou a Cherbourg, o destino dele, para dali seguir até Paris, já se tinham entendido mais por olhares do que por palavras, mais por certos pequeninos nadas do que por grandes gestos, que pouco dizem na sua enfatuada tactica teatral.

Ela nunca se tinha assim visto presa a um capricho como esse que a trazia sobresaltada e inquieta, porque ela bem sabia que desta vez a sua alma se interessava na aventura.

E combinaram então encontrar-se em Paris, logo que ele ultimasse os assuntos que o levavam a Inglaterra.

Oh! esse primeiro encontro, num quarto de hotel, como ele se gravou fundo na sua lembrança, onde se varria tudo o que restava das suas cavalgadas doidas pelos mundos da fantasia, como se fôsse nesse instante só a vez primeira que ela oferecesse ao primeiro homem amado os misterios do seu corpo!

Parecia-lhe que regressava aos tempos distantes da sua inocencia virgem, de tal maneira se sentira perturbada, quando as suas bocas se colaram num beijo prolongado, que lhe subia do coração aos labios.

Como era diferente daquela sensação superficial, ainda que violenta, dos beijos trocados numa hora de nervos.

Como esses amplexos idos lhe pareciam agora reles, humilhantes mesmo.

Julgou-se transfigurada. Parecia-lhe que este sentimento novo a lavava de todas as impurezas.

Sim, a sua carne vibrava agora de outra forma, palpitava mais decentemente, nobilitada pelo coração.

Quando se aconchegava ao peito do seu amado julgava-se transportada a um paraizo divino, onde a tranquilidade lhe fôsse assegurada para sempre.

Não era a alegria sensual que a tornava assim venturosa. Era o espirito, só o espirito que rejubilava.

No minuto supremo da comunhão dos sexos, ela chorava de gozo. Mas não eram lagrimas derramadas pelos sentidos transbordando de prazer. Era o pranto da sua alma, só agora desflorada, ao dar-se toda em emoção intensa, confiadamente, certa desta vez de ter apanhado o premio maior nessa enganosa loteria da ventura.

Ele, da raça calma e fria da gente do norte, sentia-se arder ao contacto do seu temperamento meridional, e amava-a com cegueira, mas uma cegueira apenas material conservando o espirito liberto.

Ainda assim estava preso ás seduções do corpo dela, por um desses amores carnais que por vezes suplantam a alma, pelo menos enquanto não estão fartos de todo.

Mas a pobre não destrinçava estes detalhes e julgava-se completamente retribuída.

Ele tinha o ar ingenuo do colegial que ama pela primeira vez, dando-lhe a impressão de que no mundo só havia para ele uns braços de mulher — os seus.

As continuas separações a que os forçavam os contractos da artista, mais acendia nos sentidos dele a chama do desejo e no coração dela a sede de ventura de mais em mais ardente.

De cada vez que ela se lhe lançava nos braços, era como se voltasse ao principio da sua aventura, trazendo sempre novas primicias de ternura e de carinho.

Os outros homens eram para ela coisas mortas.

Nem para eles olhava, toda enlevada no seu sonho novo, quando dele andava longe.

Ela bem se conhecia, bem sabia que se o amor um dia a tocasse seria para marcá-la para todo o sempre com o sinal de posse e que ninguem mais conseguiria acender nos seus nervos uma faisca de volupia, se não o leito, o Unico.

Tambem nunca lhe passou pela cabeça que o seu amante pudesse enganá-la, profanar os seus beijos com beijos de outra boca de mulher.

Nunca entre eles houve essa troca de protestos e de duvidas:

—Amas-me? Serás sempre fiel a este amor? Não me deixarás nunca por outra?

—Louca, porque duvidas de mim? Nem eu sabia que poderia amar assim alguem...

Triste veleidade de um, que obriga o outro á eterna mentira, que mais pungente torna ainda a inevitavel decepção.

Não, ela não duvidava da sua fé.

Ele parecia-lhe tão diferente de todos os outros, e tinham ambos içado tão alto o pavilhão do Ideal, que era impossivel que um salpico de traição pudesse manchá-lo.

Certa vez a sua ausencia foi maior. O exito obrigara-a a renovar o contracto, tornando em seu peito mais intensa a luz da saudade.

Na volta, enquanto o comboio deslisava rapido sobre os rails; ela, indiferente ás belezas da paisagem dos ridentes campos da Italia, sem sequer olhar a transparencia azulada do maravilhoso céu de Nice, só pensava naqueles beijos que a enlouqueciam, naqueles amplexos fortes que vergavam os seus pobres nervos, como vimes sacudidos pelo vento, e por toda ela corria um arrepio febril.

Durante esse longo mês que a trouxera arredada dos braços do eleito, ela cuidara de si, da sua beleza, como quem prepara um manjar delicado, para ofertar-lh'a em novos extasis de amor.

Como lhe tardava esse momento de surpreza que seria a dele, quando a visse chegar, assim de improviso, sem o ter prevenido, por um capricho da sua fantasia.

Quando entrou no seu quarto, uma estancia modesta de estudante que ela enriquecia com a magnificencia da sua beleza, ele não estava.

No tapete, aos pés da cama, uma luva de mulher que não era sua, parecia trocá-la, guardando ainda o relevo da mão da rival ignorada.

Foi o desmoronamento do seu castelo de ilusões, por onde andava perdida e cega de amor, sem nunca descobrir as fendas denunciadoras da sua proxima ruina...

«O homem que trocou a mulher»

Troca mais sensacional do que a que regista a historia sagrada.

O caso passa-se numa das nossas possessões africanas.

Tem só três personagens esta historia, como as peças modernissimas, e mais não é preciso para sintetisar a vida.

Tema velho como o mundo, apesar de quererem modernisá-lo, porque eu estou persuadida de que desde que surgiu a primeira mulher houve logo a seu lado o marido e o amante.

Embora os livros nos falem só de Adão e Eva, lá estava o amante — o diabo — disfarçado em serpente, incitando-a a oferecer a Adão a primeira dentada no pomo vedado, para que ele podesse depois trincá-lo, sem responsabilidade.

Tal como hoje — amantes da pele do diabo e maridos ingenuos, sempre os ultimos a saber da sua sensaboria.

Porém, aqui as coisas passam-se de modo diferente.

Nesta historia, veridica como todas as que tenho reconstituido para teu passatempo, leitor, o marido era um verdadeiro coitado convicto e convencido, como vais ver.

Era, ao tempo, governador duma das nossas colonias um general coberto de prestigio e realmente prestigioso por meritos proprios, e um dos mais fieis servidores de El-Rei D. Carlos, que Deus haja.

Tinha ele um secretario que se não era de uma inteligencia por aí além, em compensação guardava em seu poder o tesouro inestimavel, muito cubiçado pelo valoroso filho de Marte: Uma mulher, sua mulher á face da igreja, em quem se conjugava a beleza com os ardores do temperamento meridional, levado á ebulição.

O marido, ao que me disseram, não correspondia ao ardor dos seus nervos de amorosa, razão porque caíu gostosamente nas redes que lhe estendeu o general verde ainda e que não desmentia a divisa da farda — valente na guerra e no amor.

Mas é que o nosso governador era um egoista de marca e não gostava de partilhas, sobretudo de um manjar no qual o seu apetite se mostrava tão guloso.

O tal marido incomodava-o deveras, e queria afastá-lo a todo o transe do seu caminho.

Propôz então ao possuidor legal do precioso bocado uma transacção:

Ceder-lhe o seu logar de governador, levando com ele em troca para Lisboa sua mulher.

O outro não teve a menor hesitação e desfez-se da sua companheira com uma ligeireza de animo muito de admirar.

Se não tinha dentes... para que queria ele as nozes que Deus lhe deu?

Heroico, não acham?

EDEN-TEATRO
Hoje — Terça-feira — Hoje
Sensacionalissima estreia
A CALUNIA
Grande film madeirense em 8 partes — Panorama surpreendente! — Dramatisação intensa! — Desempenho impecavel!
Portugal França que tem alcançado um grande sucesso
Outros «films» de notavel exito — PREÇOS POPULARES

HOJE, ás 9 1/4 TRINDADE Tel. T. 976
O HOMEM DAS 5 HORAS
A ORCHESTRA SUL-AMERICANA
Dois autenticos e retumbantes sucessos no melhor e mais barato teatro de Portugal.

THEATRO DO GYMNASIO
Direcção de GIL FERREIRA — Tel. T. 914
Despedida — Irrevogavel
O AZ
A'manhã em recita de PALMIRA BASTOS
O ROSARIO
de Bisson, tradução de Acacio de Paiva.

Fumem os excelentes cigarros
KRYSTAL

O encantador retiro dos
CHARQUINHOS (Benfica)
Aberto toda a noite — Gabinetes reservados

Dr. Gustavo de Medeiros e Almeida
Doenças d'Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas das 3 ás 5
Avenida da Liberdade, 12, rez-do-chão
TELEFONE N. 2621

A Cidade

Theatro Maria Vitoria Tel. N. 3644
HOJE, nas duas sessões — A's 8 1|2 e 10 1|2
A mais alegre e animada das peças
FOOT-BALL
com as formosas e apreciaveis
ROBERTON'S GIRLS

Chá das cinco

O «sport» e o «ménage»

Reconheço que tem razão a tua sensibilidade, ferida pelos conselhos irreverentes do Norberto Lopes. Mas o meu camarada tem uma grande atenuante para a sua falta. A sua alma romantica de trasmonteno, que ha pouco mais de três anos vivia apenas para alguma paixão errante e para as coplas de algum fado cantado ao luar, foi arrefecendo e endurecendo ao contacto da vida, pelas sete partidas do mundo.

Visitou o Brasil. Poisou em Marrocos. Viu a Guiné, Angola, Moçambique, os desertos africanos, e as mulheres do Cairo. E continuou romantico. Mas o que o estragou de todo foi Paris.

Paris é uma cidade fatal para as almas puras como a do Norberto Lopes. E' como um liquido corrosivo sobre a brancura dum marmore . .

E, assim, não te admires de que ele, no seu democratisante scepticismo, não tenha achado, para todas as nossas queridas e pacientes leitoras, outros «sports» que não sejam o «balaying», o «puming», o «ciring», o «laving», e o fogão da cosinha.

Eu tambem já pensei assim—quando fui sceptico. Odiei o mundo, odiei, sobretudo, as mulheres, e nelas o que tinham de mais delicado e de mais espiritual.

Mas, graças a Deus, isso passou-me. E, hoje, sou eu o primeiro a revoltar-me contra a irreverencia «parisina» do Norberto, que, estou certo disso, a ha-de repudiar amanhã, quando dos seus olhos e dos seus labios desaparecerem as ultimas recordações do «Perroquet» e do «Moulin Rouge»...

Ponhamos as coisas nos seus termos, Norberto Lopes:

—Um jantar feito por uma mulher «raffinée» deve cair, tão mal no estomago como uma cosinheira num «ring» elegante de patinagem...

Felix Correia

sempre fixe

ASSINATURAS

Lisboa, Provincia e Africa Ocidental

1 mez	(série de 4 numeros).. Esc.	3$00
3 mezes	(» » 12 »).. »	9$00
6 »	(» » 24 »).. »	18$00

Africa Oriental

3 mezes	(série de 12 numeros).. Esc.	10$00
6 »	(» » 24 »).. »	20$00

Estrangeiro

3 mezes	(série de 12 numeros).. Esc.	13$00
6 »	(» » 24 »).. »	26$00

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	94$75
Madrid	—	2$82
Paris	—	$61,5
Suiça	—	3$79
Bruxelas	—	$62 5
Nova-York	—	19$60
Amsterdam	—	7$85
Italia	—	$79
Brasil	—	2$87
Praga	—	$58,5
Suecia	—	5$24
Austria	—	2$77
Berlim	—	4$67
Libra esterlina	96$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	580$00
» 6 1|2 0|0 1923	540$00
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açôres	439$00
» da Companhia de Seguros Sagres	670$00
» da Companhia Tabacos de Portugal	700$00
» da Companhia Port. de Fosforos	123$50
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	87$00
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

LUZ! LUZ!

Lisboa CONTINUA quasi ás escuras

emquanto a Camara discute

com a Companhia do Gaz

Já aqui o dissémos e nunca é demais insistir sobre este ponto: Lisboa é uma cidade que vive sem luz, como os morcegos. Nas principais ruas da Baixa, a iluminação é insuficiente. Os bairros afastados vivem, como os cegos, mergulhados em treva densa.

A cidade, á noite, toma assim um aspecto triste, um pacato ar provinciano que não vai bem com as suas legitimas aspirações de capital civilisada.

Ha menos luz do que antes da guerra. E aquela que empresta ainda uma certa alegria á cidade é a iluminação particular dos estabelecimentos e dos réclamos luminosos que agora vão aparecendo.

Porque a iluminação publica é bem um triste sintoma do abandono a que votaram esta pobre L'sboa, tão digna de melhor sorte.

Ha longos meses que se arrasta um conflito entre a Camara Municipal e a Companhia do Gaz. E enquanto uns e outros discutem o aspecto juridico da questão, Lisboa continua a não ter luz, a ser um borrão de sombra que alastra tristemente á beira do Tejo, com uns palidos candieiros á crivar a noite de vagos pontos luminosos. Quem se aproxima da cidade, vindo nos vapores do Barreiro, fica com a desolada impressão de que vai desembarcar numa aldeia abandonada da margem do Tejo. A Lisboa com que os viajantes sonham, a cidade que se prestava a uma iluminação maravilhosa pela admiravel disposição das suas colinas, essa não existe. Por culpa de quem? Por culpa dos homens que estiolam a sua actividade em discussões estereis, não cuidando a sério do problema que neste momento mais interessa á capital do país.

Nos proprios bairros onde dizem que foi aumentada a iluminação, a corrente é tão fraca, que a meia duzia de metros das lampadas electricas já ninguem distingue se um gato é branco ou preto.

Consta-nos que a Camara vai, finalmente, entrar num entendimento com a Companhia do Gaz. Ainda bem que assim é. E' necessario acabar a todo o custo com a greve da luz!

Os réclamos luminosos

A grande alegria noturna das cidades modernas: Paris em primeiro lugar, Berlim, Roma, Bruxelas, Madrid, para só falarmos nas principais, porque todas as cidades já os usam — são os reclamos luminosos.

A sciencia e o bom gosto ligados, por processos quasi inverosimeis de tecnica electro-mecanica, conseguem as mais espirituosas *trouvailles* nesse sistema de reclamo, que aproveita ao comercio, em primeiro lugar, e logo ao publico, que se distrai e se sente bem nas grandes praças e *boulevards*, com luz a jorros.

Lisboa, que já experimentou rudimentarmente esse processo — e passe isto sem réclamo — vai ter agora espalhados pela cidade, nos altos dos edificios para tal apropriados, os cartazes luminosos da mais agradavel combinação de côres, e que ficam constituido, além da publicidade comercial e industrial, um encanto novo para as arterias principais.

O Largo das Duas Igrejas, o Conde Barão, a Rua do Ouro, o Chiado, o Largo de D. João da Camara, a Rua dos Condes, o Rossio, e outros locais ainda, vão em breve possuir esses letreiros, certamente á altura dos modernos processos da especialidade.

O engenheiro que está montando esses *placards*, com os quais se vai suprir a falta de iluminação municipal, é o sr. José Carlos dos Santos, que estudou lá fóra esse processo, que não sendo novo, para Portugal é quasi novidade.

A electro-mecanica já conseguiu animar esse genero de publicidade luminosa. Em Paris, por exemplo, ha grandes, extensos, fulgurantes reclamos nos quais, por meio de habeis dispositivos e combinações automaticas, se vê, por exemplo automoveis em movimento nos rodados, conseguido por meio de um sistema de mutação de lampadas, e que dá a ilusão perfeita do andamento.

Em Roma ha um *placard* de uma casa de vinhos que mostra uma garrafa deixando correr o liquido para o copo. O copo esvasia-se, e a garrafa despeja novamente o reclamado nectar.

Independentemente do interesse reclamativo, o seu interesse citadino é tanto, que os Municipios protejem este genero de publicidade. Alegram-se as ruas, os olhos encontram nos edificios, á noite, o encanto que a luminosidade sabe oferecer. Parece sempre noite de festa.

Lisboa, como noticiámos, vai ter isso. Desejamos dar um conselho aos inovadores, cuja empreza não sabemos quem seja: arranjem letreiros de luz clara, de preferencia, e aproveitem as côres duras apenas para as combinações e para os relevos.

? ? ?

Não deixe de ler amanhã o "Diario de Lisboa" e guardar o brinde que oferece a todos os seus leitores, pois adquire vantagens na maior inovação comercial do seculo, que os nossos amigos Alberto Lopes, L.da, iniciam brevemente nos seus escritorios á Rua da Palma, 161, 1.°.

Pelos teatros

"O pão de ló,,

Festeja-se amanhã no teatro Avenida o 2.º centenario da representação do «vaudeville» «O pão de ló», facto digno de registo pela sua invulgaridade e porque salienta de forma bem visivel o trabalho de quatro escritores portugueses que souberam fazer

ESTEVAM AMARANTE

dessa adaptação um verdadeiro triunfo teatral. Por sua vez é justo destacar ainda que tamanho sucesso se deve ao grupo de artistas que o impoz e, naturalmente, ás suas primeiras figuras, os artistas-emprezarios Luiza Satanela e Estevam Amarante, este ultimo obtendo para a sua carreira de actor, creador dos melhores e mais perfeitos tipos populares, uma verdadeira corôa de gloria na interpretação do seu «Dr. Justino», n'«O pão de ló».

Palmira Bastos

A festa de Palmira Bastos que se realisa definitivamente sexta-feira, constituirá um espectaculo cheio de atractivos. Gil Ferreira que tem procurado e conseguido um conjunto e uma afinação de espectaculos dignos de registo, caprichou em montar a famosa peça de Bisson, «O rosario», com a elegancia sobria e rica que ela requer. Assim, Leitão de Barros foi encerregado das scenas de interior e José Mergulhão da cerca do exterior: Palmira Bastos ostentará verdadeiras «toilettes» modelos, que são já as grandes creações deste verão.

O actor Henrique de Albuquerque será substituido pelo actor Teodoro Santos.

Atraz do reposteiro

Começam no dia 15 os ensaios da companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo. A primeira peça a remontar é o original espanhol «O centenario», dos irmãos Quintero.

—O actor Carlos Abreu estreiar-se-ha, brevemente, no teatro Salão Foz, interpretando, entre outros numeros, varios «sketches» internacionais.

—Realiza-se hoje, no teatro S. Luís, a festa artistica de Auzenda de Oliveira, com a «reprise» do «vaudeville» «Mam'zelle Nitouche».

—Reaparece na proxima sexta-feira, no teatro Apolo, a peça «A Galderia», realizando-se no dia 21 a festa de Rafael Marques, com o «Othelo», de Shakespeare.

—Volta ámanhã á scena, no teatro do Gimnasio, a peça «O Az», sendo o actor Henrique de Albuquerque substituido pelo actor Sales Ribeiro.

—Voltou a esgotar-se ontem a lotação no teatro da Trindade, com a peça «O homem das 5 horas».

— Estreia-se hoje no Eden-Teatro o grande «film» em 8 partes «A Calunia», cuja acção decorre na terra de sonho e maravilha que é a Ilha da Madeira. «A Calunia», que mereceu á ilustre actriz Maria Matos uma brilhante cronica no «Diario de Noticias», da Madeira, é exibida pela primeira vez no continente.

—Chaby Pinheiro, na sua passagem pelo teatro de Fafe, realizará ali uma «matinée»—a primeira que se efectua fora de Lisboa e Porto.

—O Foz inaugura hoje uma serie de espectaculos modernos, com os seguintes artistas de variedades: Dresnas de Montenegro, «pareja» espanhola de baile; Selvaggio, artista musical, «virtuose» de xilofone; Line Desroses, bailarina francesa; os portugueses Maria Côrte Real e Guilherme Cauppers; e uma orquestra de «jazz-band».

—Chega ámanhã ao Rio de Janeiro o emprezario teatral sr. José Loureiro, que passa tambem o seu 45.º aniversario natalicio.

—Parte ámanhã para Paris a actriz Ester Leão.

A PATRIA
SOCIEDADE ALEMTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA:—Rua do Alecrim, 20 A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e em todos os outros ramos.

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 9
ESTREIAS
MAIS VELOZ QUE A MORTE
FAZE BEM...
Uma cine-farça-Uma revista cinematografica

UM "DILETTANTE,,

Com

a morte
de João Freitas Rego
desaparece
uma figura cusiosa
do Teatro S. Carlos

Num «carneiro» do Cemiterio dos Prazeres, ficou agora depositada uma das figuras marcantes nos meios *chics* de Lisboa.

Acompanharam-no á ultima morada, três carros com meia duzia de parentes e amigos.

* * *

João do Rego Freitas — mais conhecido por Freitas Rego, era um dos grandes *dilettanti* de S. Carlos.

Sportman entusiasta, e um coração de oiro, foi socio fundador do Ginasio Club e um dos mais antigos bombeiros voluntarios.

Bastante rico, viveu sempre na grande roda, sendo, durante muitos anos, um dos «deões do Chiado».

Viajava muito. Mas a sua predilecção ia para Cauterets. Ali, passava grandes temporadas, conseguindo tornar-se muito notado por toda a gente pelas explendidas festas que organisava á sua custa.

Isto valeu-lhe o *sobriquet* de «Prince-Noir».

O seu entusiasmo por S. Carlos não lhe vinha só da musica nem do bel-canto. Tinha um decidido «fraco» pelas artistas liricas, tendo vivido com algumas delas.

De todas, a mais lembrada pelos amigos de Freitas Rego é a formosa bailarina conhecida pela «Arte Nova» que esteve ha vinte anos em Lisboa, e que fez furor, por ser considerada uma das mais lindas mulheres do seu tempo.

Passava grande parte dos seus dias no Chiado, e na Rua do Ouro, á porta duma papelaria.

* * *

Mas de ha dez anos para cá, uma pertinaz doença, de que afinal veiu a sucumbir, prendia-o em casa, alheando-o de todo o exterior.

Que descance em paz o saudoso boemio, que era um dos ultimos veteranos do velho S. Carlos.

UMA SÉRIE
de espectaculos modernos

A Empreza do Foz resolveu organisar, a partir de hoje, uma série de espectaculos modernos, em «matinées» e «soirées». E para isso contractou, além duma notavel orquestra de «jazz band», no genero da Sul Americana, um nucleo de admiraveis artistas de variedades que vão certamente obter um enorme exito.

O cartaz de hoje é constituido pelos nomes de Maria Côrte Real, actriz cantora de grande relevo no nosso teatro; de Guilherme Cauppers, um dos nossos mais engraçados actores; da admiravel «pareja» de baile Dresnas de Montenegro, do notavel artista musicel Selvaggio, «virtuose» do xilofone, e de Line Desroses, formosa bailarina francesa.

Maria Côrte Real e Guilherme Cauppers farão um interessante reportorio em português, em francês e em inglês.

Nascimento

Deu á luz uma criança do sexo feminino, Madame Guerra Maio, esposa do nosso presado amigo José Guerra Maio, colaborador do *Diario de Lisboa* e empregado superior da Propaganda de Portugal, em Paris. Mãe e filha encontram-se bem. Apresentamos as nossas cordeais felicitações á familia Guerra Maio, desejando que sôbre a recemnascida só caiam venturas.

OS TABACOS

"O ministerio está como uma construcção de madeira já quasi corcomida pela formiga branca e qualquer abalo o fará desabar,,

DISSE-NOS

Alvaro de Castro

Diz o sr. dr. Alvaro de Castro, a proposito da questão dos Tabacos:

—Não sou favoravel ao regime de monopolio, qualquer que seja a forma porque ele haja de se exercer: monopolio privado, ou monopolio do Estado. Ambos de não aceitar, ambos de condenar, fazendo vingar o regime de liberdade.

Razões:

—O monopolio privado não deu bons resultados e não assegurou ao Estado as receitas que a exploração do vicio de fumo podia e devia dar.

—A «régie»...

—O monopolio, explorado directamente pelo Estado, embora seja, em teoria, um sistema defensavel, tem, na pratica, muito que se lhe diga. Tem até, contra si, fortissimos e solidos argumentos, que acabam por o tornar inaceitavel. A historia da exploração de todas as industrias, por conta do Estado, aí está para fornecer argumentos, factos e numeros contra a exploração da industria de fabrico e contra o comercio dos tabacos em «régie».

—Quanto ao regimen de liberdade?

—Assenta na conquista do mercado pela concorrencia do produto e pelo triunfo do melhor e do mais barato.

—Vantagens...

—Tem logo a da melhoria do fabrico. E ainda a possibilidade de uma maior extensão de venda e colocação. Creio não ser para desprezar. Porque assim é possivel garantir, inteiramente, as receitas que o Estado deve colher desta valiosa industria; como se prevê tambem o seu aumento por um aumento de consumo.

Como argumento:

—A nossa capitação de tabaco consumido é pequenissima. Podia e devia ser muito alta. Mas essa capitação está em harmonia com a baixa capitação dos paizes que manteem a exploração directa do Estado.

Indo ao encontro de uma rasão apresentada pelos «régistas»:

—Não. Não se pode dizer, com justiça que o regime de liberdade lance ao abandono os operarios que actualmente trabalham nas fabricas. A protecção pode estabelecer-se da mesma maneira. E nada obsta, até, a que as fabricas do Estado trabalhem em concorrencia com as fabricas que venham a estabelecer-se para explorar esta industria em regime de liberdade. E esta pode ser, muito bem, a formula que aceitarão quantos se esforçam por provar os beneficios e as excelencias de «régie».

* * *

Mas o sr. dr. Alvaro de Castro é, mais do que qualquer outra coisa, um politico. E um politico que algumas vezes tem conseguido encaminhar em determinado sentido o funcionamente da maquina administrativa e até a propria marcha da Republica. A sua acção, em determinados momentos, bem pode considerar-se decisiva. E o seu republicanismo e a sua fé republicana têm sido, algumas vezes, argumentos solidos de convencimento para muitos que desanimam ou começam a não acreditar.

E como esta questão dos Tabacos, essencial, essencialissima para a vida da nação, até, se reveste de um aspecto politico, do qual todos os outros, em ultima analise, derivam, procurámos saber a opinião do antigo chefe reconstituinte sobre a actual situação partidaria, parlamentar e politica.

Em resposta ás nossas perguntas, foi acrescentando o sr. dr. Alvaro de Castro:

—Não creio que a «régie» consiga a aprovação do Parlamento. Não creio. As oposições têm-lhe feito um combate largo, um combate amplo, encontrando eco por todo o país. E a opinião publica, por sua vez, não pode, e estou certo de que o fará, deixar de exercer uma influencia poderosa na marcha e no desenrolar dos acontecimentos parlamentares.

—A situação do governo?

—Encontra-se, logicamente, em presença de graves dificuldades. Não ha uma unanimidade de vistas quanto á sua atitude no tocante ao processo de que se serviu para tomar conta das fabricas e manter a sua laboração.

—As oposições?...

—Estão de acôrdo em que o governo procedeu ilegalmente quanto a auctorizar despezas, cobrindo-as, embora com algumas receitas.

Resumindo:

—E', emfim, um mau passo parlamentar para o governo e do qual este vai sair, decerto, muito mal ferido.

E a seguir:

—Tenho mesmo a impressão de que o governo está já mortalmente ferido, embora queira, por vezes, dar-nos a impressão de que se encontra assente solidamente nas cadeiras do poder. E, como as construções de madeira que se manteem de pé, apezar de carcomidas pela formiga branca, qualquer ligeiro abalo o derrubará.

* * *

Final da entrevista:

—E se o governo caír? O que lhe sucederá?

Resposta pronta do sr. Alvaro de Castro:

—A sucessão do governo não me parece dificil. Porque estou convencido de que todos os grupos da Camara sentem e comprehendem a delicadeza do momento que passa, sabendo, além disso, muito bem o que querem. A's desinteligencias de agora, sucederá, com certeza, o estado de coisas resultantes de um espirito de concordia que muito facilitará a espinhosa missão do Chefe do Estado.

DE LUTO

Fernando de Oliveira

Passa ámanhã, 12 passa o vigessimo segundo aniversario da morte do saudoso cavaleiro tauromaquico Fernando de Oliveira. Por essa circunstancia, resar-se-ha na igreja do Sacramento, ás 10 horas prefixas, uma missa do sufragio por sua alma.

D. Ofelia Soares Carracha

Faleceu hoje a sr.ª D. Ofelia Soares Carracha, cujo funeral se realiza ámanhã, ás 15 horas, para o Alto de S. João.

General Antonio José de Almeida

Realizou-se hoje, sendo muito concorrido, o funeral do general Antonio José de Almeida, irmão do coronel Eduardo Augusto de Almeida, sub-director do Colegio Militar.

CORRIDAS
no Campo Grande

Quinta-feira proxima, haverá corridas de cavalos no Hipodromo do Campo Grande. Além de outros, disputa-se o premio de esc. 4 000$00, do ministerio da Agricultura, para o qual estão já inscritos muitos cavalos e eguas de sangue arabe.

Se o tempo o permitir, é de esperar que o tradicional «dia da espiga» seja assinalado por uma enchente no magnifico campo do «Jockey Club».

As corridas começam ás 16 horas.

O TEATRO ALEGRE

Com

a comedia
"Papillon-bom rapaz,,
reabre
amanhã as suas portas
o Teatro Nacional

Inicia-se amanhã, no Nacional, a sua Epoca de Primavera. Vai entrar-se num novo periodo de trabalho intenso para se levar a cabo o resto da temporada com um reportorio já escolhido, proprio da categoria e do programa do nosso primeiro teatro de declamação. O grupo de artistas que, em sociedade, pretende revelar ao publico o seu amôr pela Arte e o seu desejo de realizar obra util, honesta e sã, tendo como seu director a figura prestigiosa do ilustre professor Antonio Pinheiro, espera ainda efectivar um resto de época brilhante, num conjunto perfeito de representações que a todos satisfaça, com o maior carinho pelas suas interpelações, sem preocupações, ou vaidades ridiculas — cada papel em mãos que o saibam desempenhar correcta e brilhantemente.

Os nossos leitores serão os primeiros a concordar que a hora que passa está para o teatro que divirta e alegre. O publico manifesta-se cada vez mais arredio das peças enfadonhas e preocupantes do espirito. Aceite esta teoria pelos artistas do Nacional, a peça que amanhã ali sóbe á scena pertence ao numero das comedias alegres que não excluem uma linguagem correcta e que possuem teatro bastante a revelar optimas qualidades para serem consideradas dignas de um palco de primeira ordem. Na sua enscenação se preocupou, com a sua competencia, Antonio Pinheiro que a traduziu com saber e perfeito conhecimento das suas condições de agrado. Todos os personagens fôram distribuidos com acerto e segundo a posição de cada figura do elenco do Nacional. Intitula-se a peça de amanhã, sugestivamente, *Papillon, o Bom Rapaz*, e é obra do escritor francês de reputação feita, Louis Beniére. Tem três actos magnificos de urdidura facilmente compreensivel, provocando o riso francamente, divertindo, alegrando o seu entrecho, cuja acção decorre na actualidade, num castelo de França, através de um episodio cheio de espirito. Todos os tipos são bem marcados e excelentemente definidos, tendo havido ainda a preocupação de enquadrar esses três actos num scenario de belo efeito, com um mobiliario primoroso. Resta dizer ainda que, sendo o Nacional — sem receio de desmentido — presentemente, o teatro mais barato e mais acessivel de Lisboa, como poderá verificar-se pela tabela afixada, os seus preços, agora e no futuro, não serão aumentados, entrando-se de vez e francamente no regime dos espectaculos para toda a gente e para todas as bolsas.

Papillon, o Bom Rapaz, que em França é uma peça considerada das melhores tem a seguinte distribuição:

Julio Papillon, por alcunha *o Bom Rapaz*, Otelo de Carvalho; *O Juiz Verillac*, Ribeiro Lopes *Marquez Gastão de Sandray*, Silva Assis; *Pathé*, notario, Luís Pinto; *Pernú*, Antonio Pinheiro; *Baptista*, creado, José Balsemão; *Villon*, Aurelio Rodrigues; *Madame Verillac*, Maria Pia; *Luísa de Sandray*, Alice Ogando; *Berta Verillac*, Izilda de Vasconcelos; *Balbina*, Albertina de Oliveira, e *Rivi*, pequeno de 5 anos, Santos Silva.

Carlos de Macedo

Deu entrada na enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios, onde vai sofrer uma operação, o paginador do *Diario de Lisboa*, Carlos Augusto Pereira de Macedo.

DUNLOP

Mais um triunfo para esta famosa marca é demonstrado na noticia abaixo, enviada a nós pela nossa representada Dunlop Rubber Company, Ltd., de Londres

Ninguem melhor do que o português conhecedor de Africa pode avaliar o que é um trajecto através desse continente e dar o justo valor a um triunfo de tal natureza

Linha do trajecto _____ T. de reporte _____ N.º 498

Estação _____ Registado por _____

Entendido ás 21/10 Expedido ás _____ h _____ m

Recebido por _____ por _____

CABO A.A. MOREIRA MAY. 1926 6 MAI 26

EST. C. DOS TFL DE LISBOA Modelo n.º 6 - 6 MAI 26 1.ª SECÇÃO

Indicações eventuais: ar 190

Para _____ de London

Palavras 109/108 em 6 ds 19 h 15 m Via _____

G.ª GRAHAM JR & C.ª 7 MAI 1926 LISBOA

grahams
Lisbon =
following cable received from Frank
Gray M. P. motoring Lagos to Khartoum
both cars driven into Khartoum
yesterday these cars have been driven
for more than 3000 miles through
a trackless country of sand rock
bush and camell thorn these cars
were forced through bush raced into
banks of sands and bumped over rock
and yet only one tyre was destroyed in
the process you may safely challenge the
manufacturers of the world to supply an
equal record and claim this as the
triumph of the british manufacturer -

TRADUÇÃO

De Frank Gray M. P. (Membro do Parlamento) foi recebido o seguinte telegrama: Indo de automovel de Lagos (Africa Ocidental Inglesa) a Khartoom (Egypto) ambos os carros chegaram a Khartoom ontem, tendo percorrido mais de 3:000 milhas (5:000 quilometros) através de um terreno sem estradas, de areia, rochedos, mato e catos. Foi aberto caminho á força por entre o mato e forçada a velocidade para vencer caminho sobre bancos de areia e sofrendo violentos solavancos sobre os penedos, e, apesar disto. só um pneu ficou destruido em todo o percurso. Podem com segurança desafiar os fabricantes de Pneus de todo o mundo a demonstrar um «record» que se assemelhe a este, e podem proclama-lo como um triunfo da manufactura britanica.

Depositarios gerais para Portugal

Gme. Graham Jr. & C.ª
7, Rua dos Fanqueiros
LISBOA

Gme. & João Graham & C.ª
6, Rua dos Clerigos
PORTO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO

Atenção!!!
Grande baixa de preços!
Os melhores almoços e jantares só no Restaurant Bomjardim, T. de Santo Antão, 9 e 11. Aceitam-se comensais
Nova gerencia.

NOVAS DE GENEBRA

OS CHINESES desejam obter um logar na Sociedade das Nações

GENEBRA, 11

Na comissão do Conselho da S. das N., o sr. Paul Boncour, representante da França, insistiu na necessidade da participação permanente das grandes potencias no Conselho, para manterem a unanimidade, e acrescentou que os lugares permanentes, além do da Alemanha, devem ser atribuidos, e que é oportuno aumentar duma fórma correspondente os lugares electivos, e atribuí-los por «roulement», segundo determinadas condições geograficas e historicas. O representante da Suecia renovou as suas reservas respeitantes ao aumento dos membros permanentes, e aprovou o «roulement» trienal dos lugares efectivos. A China reclamou um lugar permanente. — (H.)

A Polonia
e a sua representação na S. D. N.

BERLIM, 11

Segundo se afirma, os ministros plenipotenciarios francês, inglês e italiano em Varsovia, notificaram o chefe do governo de que *no caso da Polonia não ser* representada em Genebra pelo sr. Skrzynski, poderão surgir dificuldades, não sendo, portanto, certo o apoio daquelas potencias ás pretensões polacas. — (L.)

GENEBRA, 11

Na sessão de ontem da comissão encarregada de estudar a reorganisação do conselho executivo da Sociedade das Nações, o delegado italiano, sr. Scialoja demonstrou a dificuldade de modificar o conselho, que resultaria contraria aos principios fundamentais da S. das N. e da unanimidade da decisão. — (L.)

BERLIM, 11

Foi concluido um acordo italo-germanico sobre navegação aerea, nas mesmas condições dos acordos com a França e a Belgica. — (L.)

CINEMA CONDES
Hoje terça-feira
Matinée elegante ás 15 h.
Soirée ás 20,30 horas
ESTREIA do grandioso «film» dramatico em sete actos
Dama, valete e rei
primorosa creação de John Gilbert, Gertrude Ohnstead e Jean Arthur.
Em pleno sucesso a super-produção
A Rainha de Sabá
8 actos maravilhosos pela escultural artista americana **Betty Blythe** mais de 100.000 figurantes
Academia de beleza
(2 actos)
Revista Mundial n.º 317
O I "foot-ball" Portugal-França
a mais completa reportagem num «film» completo da casa Pathé.

CARTA DE PARIS

A divida FRANCESA á America

eleva-se a 6 biliões e 847 milhões de dollars

Os acordos de Washington são, para a França, uma penitencia dolorosa e imerecida. Gerações sucessivas, num periodo de 62 anos, terão de suportar encargos pesadissimos para honrarem a assinatura do governo francês.

Até 1988, a França estará na dependencia da America, enquanto que a Alemanha, segundo o plano Dawes, acabará de pagar as reparações em 1960!

Marne, Verdun, Reims, Somme, Artois, Flandres... não contam na balança francesa. O dinheiro emprestado para realizar uma grande obra comum de paz e de justiça, tem mais valor que todo o sangue vertido, todas as ruinas acumuladas, todos os sacrificios e sofrimentos consentidos...

O sentimentalismo tem de ser posto de parte—dizem os americanos. «Les affaires sont les affaires». Mas, pondo mesmo de parte toda a questão sentimental, os americanos poderiam ter sido mais largos e mais generosos.

O total das somas que a França tem de pagar á America eleva-se a 6 biliões e 847 milhões de dollars para um capital de 4 biliões e 25 milhões. Se considerarmos os juros, pode dizer-se que os Estados Unidos diminuiram mais de metade o seu credito.

No entanto, a taxa dos juros, nula nos primeiros cinco anos, passa rapidamente a 3,5 por cento, nos ultimos 22 anos.

Assim, a França, terá de pagar em dollars:

Em 1926, 30 milhões; em 1927, 30; em 1928, 32,5; em 1929, 32,5; em 1930, 35; em 1931, 40; em 1932, 50; em 1933, 60; em 1934, 75; em 1935, 80; em 1936, 90; em 1937, 100; em 1938, 105; em 1939, 110; em 1240, 115; em 1941, 120 e de 1942 a 1988, 125.

As condições impostas diferem sensivelmente dos principios draconianos estabelecidos, em tempos, pelos Estados Unidos e assemelham se ás propostas apresentadas no ano passado pelo ministro Caillaux.

As primeiras anuidades são fracas. Como a França já está pagando anualmente 20 milhões de dollars, para amortisação da divida contraida depois da guerra (divida comercial dos «stocks» e como esta soma foi inscrita no novo «budget», ela só precisa de mais 10 milhões para os dois primeiros anos — 1926 e 1927.

Esta divida dos «stocks» podia ser exigida em 1929 e, certamente, nessa data a França ver se ia na impossibilidade de encontrar 407 milhões de dollars, ou seja mais de 12 biliões de francos.

Pelo contrario, o rapido aumento das anuidades é assustador. E' verdade que as receitas previstas pelo plano Dawes irão tambem aumentando, mas — aqui é que está o importante da questão — as pessoas entendidas têm grandes duvidas sobre o futuro do plano Dawes. Ha quem lhe dê apenas quatro anos de vida, e entre essas pessoas estão os nacionalistas alemães, que não deixam de o afirmar nos seus jornais.

Estas duvidas compreendem se claramente, sabendo-se que os juros dos emprestimos já contraidos na America pela industria alemã se elevam a 400 milhões de marcos.

Se o dinheiro americano, vivificando a industria alemã, pode oferecer vantagens, apresenta, no entanto, o grande perigo de pôr os interesses dos aliados em oposição com os dos Estados Unidos.

O que sucederá no dia em que a Alemanha não possa pagar ao mesmo tempo estes juros e as anuidades do plano Dawes? — é esta a pregunta que a Camara do Comercio dos Estados Unidos fez ultimamente num relatorio sensacional que alarmou a opinião publica francesa. Esse relatorio diz abertamente que é preciso que a America obtenha prioridade de pagamento; caso contrario, os alemães só poderão pagar esses juros se lhes fizerem novos emprestimos. Se assim fôr, acabam-se as reparações.

E é talvez porque os proprios americanos já não confiam no celebre plano para que tanto concorreram, que os franceses não chegaram a fazer adoptar a clausula de «salvaguarda» proposta por Caillaux, e que visava a fazer depender o pagamento da França do pagamento pela Alemanha das anuidades do plano Dawes. De resto, nem a Italia, tratada tão generosamente, nem a Belgica, nem a Inglaterra conseguiram arrancar uma tal concessão ao tesouro americano.

A America, recusando-se categoricamente a estabelecer uma ligação directa entre a divida francesa e a divida alemã das reparações, privou a França de todo o argumento juridico susceptivel de ser evocado, no caso da Alemanha faltar á execução do plano Dawes.

Como compensação, o embaixador Beranger conseguiu fazer inserever nos acôrdos de Washington a clausula de «report», em virtude da qual, mediante um aviso antecipado de três meses, toda a anuidade poderá ser paga três anos mais tarde. Esta disposição estabelece uma especie de moratoria, que irá, no entanto, aumentar a verba de juros. A Italia e a Belgica, que beneficiam duma clausula semelhante, comprometeram-se a pagar, sobre toda a anuidade adiada, um juro de 4,5 por cento.

Além da divida á America, a França tem de pagar á Inglaterra 4 milhões de libras por ano. Assim, ainda durante o ano que está correndo, ela terá de desembolsar a bonita soma de um bilião e 500 milhões de francos, ou talvez mais, se continuar a baixa da divida francesa. E ha ainda que consolidar a divida interna, divida sagrada, porque foi contraida pelo governo francês para financiar a guerra da justiça e do direito e restaurar—em lugar da Alemanha—as regiões devastadas.

E se a França não puder com tão grandes encargos e tiver de faltar aos seus compromissos, o que farão os americanos?

Diz-se que os antigos aliados do outro lado do Atlantico têm os olhos voltados para as colonias francesas da America, que estão ali ao pé da porta. Nesse caso, dar-se-ia este facto curioso e talvez inédito na historia: Por causa duma guerra feita em comum, um dos paises vitoriosos, o que mais sofreu e se bateu mais corajosamente, ver-se-ia despojado em favor dum aliado e amigo.

A França acaba de perder a guerra — dizia ha dias um jornalista francês, a proposito dos acordos de Washington. E é essa, infelizmente, a verdade.

Que repercussão deve ter o que se está passando na alma dos povos que se bateram, convencidos de que defendiam uma bela causa e supondo que os americanos viessem á Europa para terem uma parte gloriosa nessa cruzada...

La Fayette!... O espirito da França a ajudar o movimento de emancipação dos Estados Unidos!... Os americanos a pagarem uma divida contraida ha mais dum seculo!... Que ironia! Isso foram palavras que produziram o seu efeito durante a guerra, mas que envelheceram e são hoje renegadas pelos espiritos utilitaristas e praticos dos banqueiros e homens politicos.

Que este exemplo que nos vem de fora ponha de aviso o governo português. A regularização das nossas dividas está para breve. E' bom que nos lembremos de que, na época que atravessamos, «les affaires sont les affaires».

Irene de Vasconcelos

A GREVE NEGRA

OS DIRIGENTES dos sindicatos aconselham muita ordem e prudencia

LONDRES, 11

Os inconvenientes dos serviços de transportes dos primeiros dias da greve diminuiram consideravelmente, pelo numero de voluntários alistados e pelo dos grevistas que se têm apresentado ao trabalho.

Embora o seu numero seja muito limitado em relação ao dos grevistas, e não represente a terminação da greve, os serviços prestados por estes homens são de consideravel valor nos serviços tecnicos maritimos, de energia electrica e de sinalisação dos caminhos de ferro.

Os atentados contra os transportes continuam a rarear e só em limitadissimas proporções têm ocorrido, sendo facilmente dominados pela policia, que em caso algum se viu obrigada a fazer uso das armas de fogo.

Os dirigentes dos sindicatos continuam incessantemente a recomendar aos seus filiados que não originem disturbios, limitando-se, em geral, á actividade de alguns extremistas a espalhar boatos, tais como insubordinações da força publica, proxima declaração da greve pelos empregados dos correios e suspensão de pagamentos pelos Bancos. — (L.)

O governo
toma providencias militares

Para auxiliar a policia durante a greve, o governo inglês está organisando um corpo auxiliar, composto exclusivamente de antigos soldados.

Esse corpo será denominado *reserva da gerdarmaria civil*. Os que dele fizerem paret conservam os seus trajos civis, mas têm um capacete de aço e *casse-têtes* como os policias. Usarão uma braçadeira como distintivo como insignia da sua função, á qual deverão dedicar todo o seu tempo. Constituirão unidades á parte e tambem terão soldo. — (H.)

A maior
manifestação de solidariedade

NEW-YORK, 11

Os sindicatos norte-americanos receberam um telegrama dos sindicatos britanicos, afirmando que a actual greve geral é a maior manifestação de solidariedade dos trabalhadores que se regista na historia do mundo. — (L.)

Churchill
e o «British Gazette»

LONDRES, 11

Churchill declarou na Camara dos Comuns que foi necessario confiscar todo o papel de impressão para garantir a saída do orgão oficial *British Gazette*, em consequencia da falta de papel.

Por tal motivo, os outros jornais estão impedidos de se publicar. — (L.)

A gréve
e a opinião de Zinovieff

PARIS, 11

Zinovieff declarou numa entrevista concedida a um redactor de *L'Humanité* que a presente greve geral britanica é o simbolo do movimento de emancipação dos trabalhadores de todo o mundo, e que nenhum facto demonstra que as ideias comunistas e o espirito revolucionario estejam tomando desenvolvimento na Inglaterra. — (L.)

Parece averiguado que os acidentes de caminhos de ferro ontem acontecidos, fôram consequencia da inexperiencia do pessoal que conduzia os comboios. — (L.)

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º-ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902-C.

Os chapeus para senhoras
DO
SALÃO AUREO
Batem o récord em elegancia, distinção e preços
246 — R. do Ouro — 248
NORTE 3818

ULTIMAS NOTICIAS

PARA SER BELA
Usae sómente
CREMES
Pó d'Arroz
PERFUMES
MARCA
Paradis

A TARDE PARLAMENTAR

Uma votação politica

dá ao governo três votos de maioria

A's 3 e meia o sr. Marques Loureiro, feita a chamada, discursou. Palavras ora serenas, ora vibrantes, de protesto contra um decreto do governo que revoga pura e simplesmente uma lei votada ha dois meses pelas duas Camaras, sobre as custas no caso de execuções fiscais.

O orador disse que o acto ditatorial serviria de mortalha ao governo, se o governo, de tão tão impenitente que está sendo, precisasse ainda de mortalha.

Apoiados das minorias.

O sr. Marques Loureiro justificou, com citações e argumentos, o seu ponto de vista. E terminou, propondo que o decreto do governo seja revogado.

Mas vai votar-se. Ha um desusado movimento, porque se supõe um cheque no governo. Dificilmente se faz a contagem. Finalmente o sr. presidente declara:

—Está regeitado!

—Está regeitado o quê?

Protestos. Remoques.

Requere-se contra-prova. Ha vozes a dizer que se está a talhar a mortalha do governo.

O sr. Marques Loureiro, indignado, a apontar para o sr. ministro da Agricultura, o unico membro do governo que se encontra na sala:

—O sr. ministro da Agricultura não tem o direito de se manifestar.

O deputado sr. Santana Marques secundou o orador, declarando que se sentia vexado com o que o sr. Marques Loureiro acabava de revelar.

O sr. dr. Pestana Junior pede a palavra. Na mesa ninguem o ouve. E o parlamentar esquerdista exclama, a reivindicar os seus direitos:

—Ha sono na mesa, sr. presidente? Eu pedi a palavra...

* * *

A contra-prova feita pouco depois, confirma a votação anterior, por 3 votos de maioria. O sr. dr. Marques Loureiro leva ao extremo o seu protesto saindo a meio da sala a bradar contra os risos dos contrarios:

—Albardas, nenhuma! Os cinicos pódem rir-se. Não me rio eu nem se riem os que presam comigo os direitos da verdade e da justiça! —

Vozes:

—Que é isto?! Que quere isto dizer?!

O orador vestiu o sobretudo e dirigiu-se indignadissimo, para os Passos Perdidos.

O incidente Marques Loureiro

Logo que a votação, em contra-prova, demonstrou que a maioria regeitára por 3 votos a proposta do sr. Marques Loureiro, que derrogava um decreto do governo — classificado ofensivo de uma lei votada pelas duas Camaras — este deputado nacionalista abandonou, como dissémos, a sala, visivelmente fóra de si, repetindo:

—Albarda, não! Escravo da maioria, não!

Nos Passos Perdidos foi o deputado nacionalista rodeado por quási todos os deputados do seu partido, que, apoiando-o, lhe pediam, contudo, que não abandonasse os trabalhos.

O sr. Ginestal Machado:

—Se você sai, eu não o deixo saír sósinho.

O sr. Marques Loureiro:

—Estou com vocês em tudo, mas lá fóra. A' sala não volto mais!

Alguns deputados, mesmo da direita democratica, dando razão ao sr. Marques Leureiro, assinalavam-lhe a conveniencia politica de não abandonar os trabalhos. Mas o sr. Marques Loureiro manteve o seu ponto de vista, pelo menos na ocasião, e saíu.

Na sala, o caso causou sensação e a sessão continua.

O DEPUTADO
MARQUES LOUREIRO
abandona a sala

O sr. Pina de Morais, declarando que não quere visar a pessoa do sr. Rodrigues Gaspar, censurou depois a maneira demorada como se fez a contra-prova, protestando em nome das minorias contra o facto de se estar á espera que chegassem os retardatarios chamados á pressa.

—Não é uma ninharia politica; é uma questão de principios!

O sr. Cunha Leal:

—E' de notar que estando a presidir o sr. Daniel Rodrigues, não lhe foi preciso tanto tempo para a votação melindrosa de ha dias...

O sr. Pina de Morais mudando de assunto, referiu-se á Policia de Investigação Criminal e ás irregularidades graves que se lhe atribuem, contando que um jornalista foi ainda ha pouco, agredido por um chefe da aludida corporação, e que outros jornalistas fôram ameaçados só porque tiveram a coragem de revelar nos seus jornais as culpas de todo o ponto escandalosas da Policia de Investigação Criminal.

—Estas ameaças, vindas de onde vêm, envergonham a Republica! — exclamou, apciado vibrantemente por todos os lados da Camara.

O orador a concluir:

—Mal de nós todos, mal da Republica, se deixarmos ficar impunes estas tentativas de coacção contra a imprensa que tem na liberdade a maior razão de ver da sua força!

Explicações do governo

O sr. Antonio Maria da Silva ergueu-se para dar explicações. Disse, em resumo:

—O governo tem o maior respeito pelo legislativo, e julgando interpretar bem uma autorização, já antiga, que permite aos governos tomar estas medidas quanas julgue convenientes, publicou o decreto a que se referiu o sr. Marques Loureiro. O governo tem a maior consideração por este ilustre deputado, e se realmente não foi bem interpretada a doutrina da autorização de que o governo se serviu, o governo tomará a atitude que dignamente se concerte, de modo a não haver reparos, e no intuito de o governo provar que não tem outro desejo senão o de colaborar com o Parlamento (apoiados da maioria).

Sob as ameaças á imprensa, o chefe do governo declara não ter, como aliás todos sabem, responsabilidade directa nos acto da Policia de Investigação, estando disposto a agir num sentido energico, de modo a acabar com abusos, e até de dissolver, logo que as acusações se provem, aquela policia, tendo já suspendido agentes visados por graves irregularidades (apoiados).

O sr. Antonio Maria da Silva faz o elogio da imprensa, dizendo que condena todos os ataques á sua liberdade, e a proposito faz, em palavras sobrias mas elevadas, o elogio do director do *Diario de Lisboa*, «que merece de todos os partidos e de todos os portugueses o maior e mais merecido respeito».

O sr. Vitorino Guimarães, referindo-se ao incidente havido com o sr. Marques Loureiro, afirmou que, da parte da maioria, não houve o menor intuito de ofensa ou de melindre para o ilustre parlamentar, e pediu ao sr. presidente que lhe fizesse transmitir essa certeza, aliás no espirito de toda a Camara, por isso que todos os colegas do deputado protestando desejam vê lo regressar quanto antes á sala do Parlamento, que o sr. Marques Loureiro honra com a sua inteligencia e com o seu caracter.

Reposta assim a questão politica, o sr. Lopes Cardoso declarou-se de inteiro acôrdo com as declarações feitas pelo sr. Marques Loureiro, aceitando que não tinha havido na atitude da maioria qualquer proposito de ofensa pessoal, mas teimando em que o decreto censurado por ele tem de ser revogado porque representa um atropelo puro e simples.

—Está ou não está o governo disposto a revogar esse decreto? E' o que importa saber. E' a satisfação que tem de dar-se ao sr. dr. Marques Loureiro. Pela minha parte, não sairei da Camara pela simples razão de que não quero que se diga que eu e os meus correligionarios deixámos a maioria á vontade quando estão pendentes assuntos do mais alto interesse para o país. (Apoiados da bancada nacionalista).

Na ausencia do sr. ministro das Finanças, o sr. presidente do Ministerio volta a falar, reeditando as suas considerações de respeito pelo deputado nacionalista e afirmando que o governo está no desejo de dar satisfação ao ponto de vista contrario ao decreto, desde que o assunto seja estudado e considerado.

O sr. ministro da Agricultura dá, tambem, explicações, que não chegam á bancada da imprensa.

Entra-se na ordem do dia: Tabacos.

O sr. Lelo Portela ataca o governo, acusando-o de fazer ditadura e de saltar, «a pés juntos», sobre as leis e sobre o Parlamento:

—E' uma verdadeira orgia administrativa o que tem feito o governo!

Envia para a mesa uma proposta, precedida de varios considerandos, em que se diz que o governo interpretou erradamente o acordo de 1924, e que termina no sentido de se abrir um credito para pagamento dos 800.000 quilos de tabaco á Companhia, sem intervenção do tribunal arbitral.

* * *

A's 18 horas, o chefe do governo terminou o seu discurso, de resposta aos oradores antecedentes, sobre a questão dos Tabacos.

O sr. Antonio Maria da Silva foi ouvido com a maior atenção pelas oposições, havendo alguns apartes violentos da esquerda. O presidente do ministerio continuou a defender a «régie», declarando que o governo deseja colaborar com as oposições, aceitando todas as emendas.

A maioria aplaudiu calorosamente o chefe do governo, tendo causado impressão a forma como as oposições o ouviram.

O Paris-Lisboa
em bicicleta

Os corredores chegaram a Lisboa ás 18 e 45

Os ciclistas do Sport Lisboa e Bemfica, Alfredo Piedade e Francisco dos Santos Almeida, que estão realisando o Paris Lisboa, chegaram ás 5,45 a Loures, onde se encontrava muita gente á sua espera. De Lisboa partiram para ali dezenas de automoveis, estando representadas as direcções do Sport Lisboa e Bemfica e da União Velocipedica Portugueza.

Os ciclistas, aos quais foi dispensada uma carinhosa recepção, chegaram bem dispostos, tendo declarado que a pior «étape» do percurso tinha sido a travessia dos Pirineus, por causa da chuva e do frio.

Depois da fronteira francesa, começaram a sentir reumatismo, o que lhes atrasou a marcha, tendo sido a causa da desistencia, em Vilar Formoso, do seu camarada João dos Santos Borges.

Os ciclistas chegaram á Praça dos Restauradores, onde se encontravam milhares de pessoas, ás 18 e 45 sendo-lhes feita uma entusiastica ovação.

Ministro da Guerra

De Extremoz, regressou esta manhã a Lisboa, acompanhado dos seus ajudantes, o sr. ministro da Guerra.

O NOVO FADO DO PAO DE LÓ
FOI POSTO Á VENDA PELOS
Editores SASSETTI & C.ª

O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA

Gritos de socorro
num consultorio

Prisão dum medico a duma enfermeira

Cêrca das 13,30, as pessoas que passavam no largo de D. João da Camara, junto da estação do Rossio, foram atraidas por aflictivos gritos de socorro, que partiam da escada n.º 19.

Imediatamente, o cabo 164 e o guarda civico 859, da esquadra do Nacional, que por acaso, por ali passavam, se dirigiram para o n.º 19, acompanhados por muitos civis, indo encontrar no patamar do referido andar, uma senhora muito bem vestida, com o rosto e as mãos ensanguentadas.

* * *

A scena passára-se na Policlinica do Rossio.

Cêrca das 12 horas, entrava na sala de espera da Policlinica, a enfermeira do hospital de S. José, Maria Andrade, que disse esperar pelo sr. dr. Cordeiro Lobato.

Uma hora depois chegava o referido medico. A enfermeira dirigiu-se ao seu gabinete, e exigiu lhe que ele lhe entregasse uma filha, pronunciando, nesse momento, algumas palavras azedas.

Convidada a retirar se, pelo medico, os insultos aumentaram, sendo a Maria, depois de agredida pelo sr. dr. Lobato, posta fóra do consultorio.

Travou-se luta, ficando partidos os vidros das portas.

O sr. dr. Cordeiro Lobato foi preso para a esquadra do teatro Nacional, donde momentos depois tranzitava para o Governo Civil, tendo a enfermeira Maria Andrade sido conduzida para o Hospital de S. José, onde recebeu curativo de varios ferimentos no rosto e mãos.

Depois de pensada, recolheu tambem, sob prisão, ao Governo Civil.